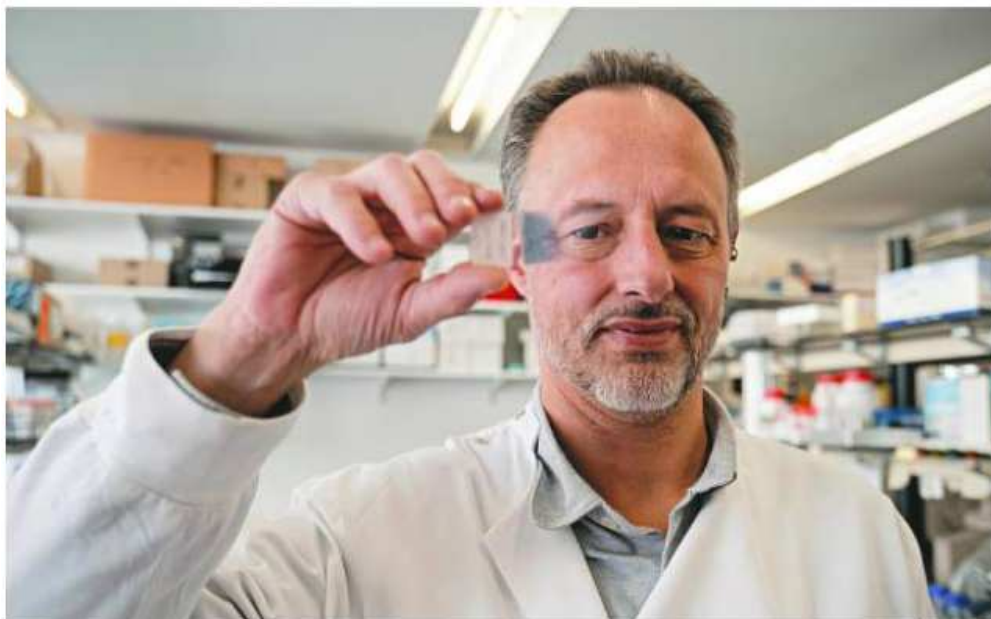


“É evidente que há subinvestimento em determinadas doenças”

Miguel Prudêncio recusa reduzir a questão à falta de financiamento, mas reconhece ser óbvio que “encontrar soluções para doenças que afectam as regiões mais desfavorecidas do globo não é tão atraente, do ponto de vista económico, para as farmacêuticas”. Há dez anos que o investigador principal do IMM está a desenvolver uma vacina contra a malária e chegou à fase dos ensaios clínicos em humanos. Mas precisa de apoios.



Miguel Prudêncio, investigador principal do Instituto de Medicina Molecular (Diana Tinoco)

Graça Henriques - 29.11.2021, 09:00

As dificuldades de descobrir uma vacina contra a malária - doença que mata 400 mil pessoas por ano em todo o mundo - explicam-se pela falta de investimento, mas sobretudo pelas características inerentes à própria doença que é provocada por um parasita e não por um vírus. As explicações são dadas na entrevista de Miguel Prudêncio ao **NOVO**, publicada na íntegra na edição impressa desta sexta-feira, de 26 de Novembro.

Questionado sobre se a malária não estivesse confinada a países mais pobres, nomeadamente em África, haveria mais vontade de financiar a investigação o investigador principal do Instituto de Medicina Molecular (IMM) responde que esse discurso tem, obviamente, correspondência com a realidade, mas não é só por essa razão que é difícil. “Há razões que são inerentes à forma como a infecção acontece. Quando digo que não gosto desse tipo de discurso, é não gostar de reduzir a questão a isto: “Ah, se houvesse mais investimento, estava tudo resolvido há não sei quanto tempo!” Não sei se estaria resolvido, mas isto sem prejuízo de que, realmente, o investimento é necessário.”

E acrescenta: “O parasita da malária oferece-nos desafios que outros organismos infecciosos não oferecem e, obviamente, os desafios e as dificuldades ultrapassam-se com

esforço. E esse esforço precisa de investimento. Mas não gosto de reduzir o problema à questão do financiamento. É um facto que havendo união de vontades de esforços e disponibilidade de meios, as coisas resolvem-se mais facilmente. É evidente que há um subinvestimento em determinadas doenças. Não vamos escamotear algo que é óbvio, que encontrar soluções para doenças que afectam as regiões mais desfavorecidas do globo não é tão atraente, do ponto de vista económico, para as farmacêuticas como para outras.”

Na entrevista, onde conta o longo processo de desenvolvimento da vacina contra a malária - que chegou à fase dos ensaios clínicos em humanos - Miguel Prudêncio dá ainda informações curiosas. Como o facto dos voluntários terem sido sujeitos às picadas de 75 mosquitos simultâneas por quatro vezes. E que nos anos 80 foram feitos ensaios com uma outra vacina em que os voluntários foram sujeitos a um número de picadas que variou entre mil e 3 mil.